

## **DISCURSO DO PARANINHO**

**Luís Fernando Balieiro Lodi**

*Mestrando da PUC-SP. Professor da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo*

Excelentíssimo Sr. Diretor da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, Professor Doutor Diógenes Gasparini, em nome de quem cumprimento os demais membros da Douta Congregação e funcionários da Faculdade aqui presentes.

Excelentíssimo Sr. Prefeito do Município de São Bernardo do Campo, Dr. Maurício Soares de Almeida, em nome de quem cumprimenta os demais membros componentes da mesa.

Senhoras, Senhores.

Peço licença a todos para que a partir de agora possa me dirigir a eles, aos nossos formandos, aos meus afilhados.

Existe uma semelhança muito grande entre a nossa vida em família e a nossa vida estudantil; embora várias pessoas tivessem me dito isto, percebi que é uma verdade nestes últimos meses, quando pensava o que dizer para vocês neste momento.

Durante estes últimos cinco anos vocês foram criados, moldados, orientados, cientificados de uma realidade que para vocês, até 1993, era desconhecida.

Aprederam uma nova forma de raciocinar e pensar, receberam uma carga de informações básicas para a partir de agora enfrentarem o mundo como profissionais do Direito.

Agora a porta da Casa está aberta, vocês estão de malas prontas: não há mais como segurá-los conosco; resta a despedida, o conselho final.

E vocês escolheram a mim para dá-lo, para dar para vocês a última aula, para ser o último a falar em nome da Faculdade.

Daí a dúvida que me acompanha desde o mês de maio do ano passado: o que falar para um filho quando ele está se preparando para sair de casa, para te deixar? Justo você, que tanto o ama?

As vezes, parando para pensar, vinha a minha mente aquela “musiquinha” que vocês tanto gostam de cantar e que sempre me emocionou: “Chora São Bernardo, São Bernardo chora; chora São Bernardo, o quinto ano vai embora”.

Não posso dizer-lhes absolutamente nada, meus afilhados, antes de lhes agradecer; antes do último conselho, antes que a porta se feche, obrigado pôr este ano de convívio.

Era bom trabalhar todas as segundas-feiras do ano passado e saber que depois de um dia desgastante no Fórum eu iria para a Faculdade vê-los, meu ex-quinto “A”, meu ex-quinto “B”; era bom acordar todas as quintas-feiras e saber que as dez horas eu ia chegar

---

*\*No volume 3 da Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, constou na página 277 o discurso do Prof<sup>o</sup> Luiz César Ramos Pereira, como sendo da Profa. Elisabeth V. de Gennani.*

na Faculdade, sendo “recepcionado” já no pátio pelo “pessoal” do meu ex-quinto “C”.

Embora tenha dito isto para vocês diversas vezes, nunca consegui demonstrar o quanto vocês são importantes para mim, tudo o que vocês significam e representam para mim.

Através de pequenas atitudes e sem perceber, vocês aliviavam a carga das minhas “segundas”, vocês me davam forças para continuar as minhas “quintas”.

Eram as brincadeiras saudáveis que fazíamos em aulas, era o carinho que vocês me davam nos corredores da Faculdade, o sorriso com que eu era recebido, a confiança que vocês tinham em vir me contar até mesmo problemas particulares de vocês, as visitas na Quarta Vara Cível de São Bernardo.

Enfim, vocês me ajudaram a ajudar, quer a nível profissional, quer a nível pessoal.

A nível profissional porque vejo em vocês a possibilidade de melhora de nossa Estrutura Judiciária, não só pela competência de cada um e do grupo, que restou clara e incontestável com o nível “A” que vocês deram à nossa Faculdade quando da realização da última prova do MEC, mas também pela educação e moral que cada um de vocês ostenta, o que indica que cada vez mais teremos profissionais honestos, de uma lisura de comportamento irreprochável.

Isto com certeza me dá alento para continuar.

Foram vocês que me deram forças para que eu iniciasse meu curso de pós-graduação, único meio que tenho para continuar dando aulas; largo a Magistratura; vivo pelos meus alunos; tenho como objetivo de vida, a nível profissional, afirmar-me cada vez mais como professor.

E esta força que vocês me dão ajuda-me também a nível pessoal, na medida em que eu sei que posso contar com vocês como amigos e não só como ex-alunos.

Neste ano, seguimos de uma forma natural, sem perceber, os ensinamentos da “raposa” de Saint-Exupéry, de início ficando distante um do outro, aproximando-nos a cada encontro, criando laços. Não nos cativamos mutuamente? Não somos responsáveis uns pelos outros?

Obrigado, meus afilhados. Se eu, nesta “última aula” quisesse ensinar alguma coisa de “vida” para vocês, pôr certo não lhes traria qualquer novidade; vocês sabem ser amigos, e amizade é sinônimo de vida.

E além de tudo o que vocês fizeram e fazem pôr mim, vocês ainda me escolheram para ser homenageado de uma forma especial, como paraninfo, tornando-me padrinho de vocês.

Não poderia ter homenagem maior, principalmente quando completo quinze anos de formado.

Vocês me eternizaram no Convite de formatura de vocês, me eternizaram como Juiz, como Juiz da Quarta Vara Cível de São Bernardo.

Vocês me deram a chance de declarar, através daquela Sentença, a aptidão para o exercício da profissão que escolheram.

Vocês estão me dando a chance, hoje, de dizer para todo este Anhembi, o quanto eu amo e preciso de vocês.

Agora sim, a palavra final. Mas permanece a dúvida: o que transmitir-lhes nesta última

aula?

Coragem; é este o alerta final.

Hoje vocês se tornam Bacharéis, não em Direito, mas em Ciências Jurídicas e Sociais.;

De todas as profissões que podíamos ter abraçado, escolhemos aquela que nos dá o maior campo de trabalho e que cuida de tudo o que é mais sagrado para o ser humano: sua vida, sua família, seu trabalho, seu patrimônio, sua honra, sua dignidade.

Os valores mais básicos de cada um de nós passa pela tutela e pela proteção do Poder judiciário, passa pelas nossas mãos.

Nosso material de trabalho, se pararmos para pensar, é a Sociedade; e esta, infelizmente, é problemática, problemática na medida em que desigual e injusta, na medida em que desnivelada, na medida em que não lhes dão educação e cultura suficiente, na medida em que seus valores estão sendo enxovalhados.

Precisamente a nossa região, nos oferece problemas que às vezes não estão nem mesmo previstos em Lei, que extrapolam o Jurídico, exigindo de nós somente sensibilidade, visão realista para solucioná-los e bom senso.

Nós somos a esperança desta Sociedade.

Tenham coragem para lutar pôr ela, respeitando seus valores sem violentar seus próprios valores, não esperando que ela se adeque àquilo que vocês entendem como certo: certo, justo, é aquilo que o todo social acha que é certo e justo em um determinado momento; acostumem-se com esta verdade, usando mais a consciência do que a própria inteligência.

Não se esqueçam que a Lei não acompanha a evolução social, deixando as vezes de corresponder à melhor Justiça; se tiverem que optar entre a Lei e a Justiça; tenham coragem de optar pela segunda.

Tenham coragem de levar ao Poder Judiciário teses novas, embasadas no contexto social em vigor; provoquem uma evolução deste Poder; obriguem os Juizes a refletir sobre pontos que ainda não foram nem mesmo apresentados à eles.

E aqueles de vocês que abraçarem a Magistratura, tenham consciência de que a vida é dinâmica, de que os problemas se inovam, de que há mendigos na rua, sim, de que existe miséria e desemprego, fatores que desencadeiam inúmeros problemas familiares que chegarão às suas mãos, de que ainda não se encontrou abandonados, dos menores que trabalham como verdadeiros escravos para ajudar suas famílias, dos idosos para que tenham no mínimo uma velhice decente, de que defender a dignidade daquele que você mandou para uma prisão também faz parte de seu ofício.

Não se encastelem em seus escritórios, gabinetes ou delegacias: a “vida” está nas ruas e não dentro deles; tenham coragem de ver pessoalmente como vive a sociedade que vocês defendem, de conhecer uma favela, de ver o que é uma área de manancial invadida e como vivem seus invasores, de como se vive dentro de uma cadeia.

Tenham coragem de se apaixonar pela atividade que escolherem; tenham coragem de perguntar para alguém mais experiente o que vocês não souberem.

Tenham coragem de adotar uma postura pessoal no desempenho de seu trabalho, ainda que diferenciada da postura dos demais, ainda que isto faça você sentir-se estranho: não

conseguiremos alterar a estrutura vigente se mantivermos o mesmo tipo de comportamento de nossos antecessores; deles, temos que aproveitar a experiência que tiveram para não incidirmos nos erros que cometeram.

Tenham coragem de não participar das “indisposições” que existem entre Advogados, Juizes, Promotores e Delegados: a Sociedade não merece e não entende que profissionais do nosso nível possam se engalfinhar em discussões outras que não sejam a solução de seus problemas.

Tenham coragem de enfrentar problemas que até hoje não foram enfrentados, de denunciar o que for irregular, de ajudar a resolver problemas que aparentemente pertencem só ao Poder Executivo e ao Poder Legislativo, como o da saúde pública, da segurança, da educação; todos os problemas sociais são nossos, na medida em que temos meios de ajudar a solucioná-los.

Dáí o Ministério Público, sempre vigilante.

Tenham coragem de ser vocês mesmo, lutadores, bravos; aquela coragem que eu vi em vocês defendendo seus interesses pessoais e de grupo dentro da Faculdade; aquela coragem que eu vi em alguns de vocês que, estagiando, me deram a honra de ler algumas peças que tinham feito e de orientá-los; aquela coragem que eu vi naqueles que estagiaram comigo, naqueles que passavam algumas tardes na sala da Quarta Vara assistindo audiências; aquela coragem que eu ainda vejo, hoje, naquele que está, profissionalmente, me auxiliando na minha missão Judicante.

Que coragem é esta que eu vejo em vocês? A coragem de se indignar com o que efetivamente está “apodrecido” em nossa Estrutura, com a vigência de Leis que nada mais representam para se fazer Justiça e que às vezes procrastinam a decisão final de um processo, com a não possibilidade de cumprimento de outras pôr falta de meios materiais, com a inexistência de Leis que deveriam ser promulgadas e nem existem em projetos.

Coragem, meus afilhados. Graças a Deus vocês não estão deixando a Casa iludidos; vocês sabem o que é a realidade, sabem a imensa responsabilidade que tem, sabem que há muito pôr fazer.

Respeitem-se, encontrem seu lugar; encontrem seu passo; não tenham jamais medo de inovar; aglutinem-se com aqueles que pensam de forma semelhante a de vocês para que vocês não tenham a impressão de que estão em uma luta individual.

Um último conselho dentro deste alerta final: tenham coragem de ser humildes, de ser humanos; que o conhecimento que vocês tem, que a visão de mundo que o estudo do Direito nos dá, não os levem a pensar que nós somos diferentes das demais pessoas; a conduta orgulhosa não se coaduna com a busca e com a distribuição da Justiça.

Se somos “diferentes” é porque temos uma responsabilidade maior do que a dos demais profissionais, na medida da amplitude de nosso conhecimento sobre o Direito de cada um.

A hora fatal chegou, meus afilhados; é hora de irmos.

Só preciso fazer-lhes um pedido, o último antes que a porta se feche entre nós; não me esqueçam.

Estamos nos despedindo na relação professor/aluno dentro do espaço físico da Faculdade; no dia-a-dia, na rua, no Forum, nas festas de Nossa Faculdade, enfim, onde quer que nos encontremos, continuaremos nos ensinando mutuamente.

Vão, meus afilhados; não vou segurá-los mais, não vou retardar mais esta despedida.

A Casa continua aberta, ela é de vocês. Vocês que tanto fizeram pôr Ela, que elevaram o seu conceito e seu nome, colocando-a como uma das melhores Faculdades do País, não se afastem delas.

Eu bem sei o quanto nós amamos a nossa Direito São Bernardo, eu sei o que ela representa para nós; eu sei a emoção que é sair dela como aluno e depois retornar como professor, caminho que eu gostaria que muitos de vocês percorressem. Não a deixem.

Vão, meus afilhados; dêem o melhor de vocês; doem-se, entreguem-se a nossa profissão; valorizem-se, confiem em vocês mesmos, inovem.

E quando as agruras da advocacia perturbarem suas convicções, meus Advogados, quando os problemas sociais forem em número superior aos limites que vocês acreditam ter, meus Promotores, quando o Estado não der o respaldo de que vocês precisam para desempenhar sua função, meus Procuradores, quando o sofrimento do dia-a-dia levar vocês a desacreditarem no ser humano, meus Delegados, quando a solidão inerente à função infundir em você medo de sucumbir, meus Juizes, lembrem-se que nós, Obreiros do Direito, juramos buscar e fazer justiça, lembre-se que assumimos a missão de respeitar os conceitos sociais vigentes no tempo e no espaço, desde que eles representem a vontade do todo social, lembrem-se que a Sociedade depende de nós e nos têm como última esperança, lembrem-se que vocês não estão sozinhos na medida em que seus ideais não são só seus, na medida em que Deus guia nossos passos na direção do Justo, na medida em que vocês tem um paraninfo que quer participar diretamente do sucesso de vocês, sempre os apoiando e os ajudando.

“Chora São Bernardo, São Bernardo chora; chora São Bernardo, a vigésima-nona foi embora”.

Deus os proteja, meus afilhados, seja qual for o caminho seguido.

Eu amo vocês. Um beijo.



